

Poeta Súbito: A poesia de Miguel-Manso

José Duarte¹

de Piccard a Costeau de Jasão a Ballard
e hoje na lenta esferográfica deste poeta em 2ª classe
Linha da Azambuja ao cair da tarde
o sol deita-se sobre o começo convexo do mouchão
a trinta minutos de Santarém como se fosse mel

Contra a Manhã Burra, 2009

Poesia Súbita: breves notas sobre a poesia portuguesa contemporânea²

Num artigo intitulado “Dez anos de poesia portuguesa: heteroxias, confluências e revisões” (2012)³, António Carlos Cortez, crítico e poeta português, atenta na necessidade de rever os últimos dez anos de poesia portuguesa e as novas vozes que foram surgindo ao longo deste período. Estes “poetas novos” estão longe de formar um conjunto coeso, quer a nível geracional, quer a nível

¹ Universidade de Lisboa, Faculdade de Letras, Centro de Estudos Anglísticos.

² O autor agradece a revisão e sugestões dadas por Margarida Vale de Gato para a escrita deste artigo.

³ António Carlos Cortez, “Dez anos de poesia portuguesa: heteroxias, confluências e revisões”, *Revista Diadorim/Revista de Estudos Linguísticos e Literários do Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas da Universidade Federal do Rio de Janeiro*, Volume 11, Julho de 2012 (86-106). Disponível em: <http://www.revistadiadorim.letras.ufrj.br/index.php/revistadiadorim/article/view/55/74>, acedido a 28 de Junho de 2014.

temático⁴. A nova poesia surge antes marcada por uma linguagem multifacetada e eclética, impregnada de múltiplas vozes diferentes, fruto de vivências e experiências e caminhos alternativos.

As diferenças que distinguem estes poetas contribuem, no fundo, para o que os aproxima. Nascidos em momentos diferentes, eles são novos, como nota Cortez, por representarem um momento regenerador na poesia portuguesa. Atente-se na explicação que o autor dá:

[este poetas são novos] na medida em que publicam nestes primeiros dez anos obras, de algum modo, “desviantes” em relação ao padrão poético [...] e “novos” por apontarem um outro caminho aos poetas verdadeiramente novos (nascidos nos anos oitenta) e que, ao seu ritmo, se irão revelar. Logo, poetas “novos” porque produtores de uma linguagem menos coloquial, mais transfiguradora, com um universo original e capacidade de surpreender o leitor, regenerando, por dentro, e por dentro a enriquecendo, a década que está agora findando⁵.

Exemplos concretos incluem os autores estudados no artigo de Cortez (Alexandre Nave, Bénédicte Houart, Joel Henriques, Margarida Vale de Gato, Manuel Fernando Gonçalves, Miguel-Manso, Paulo Tavares, Pedro Falcão e Pedro Eiras). A estes nomes poder-se-iam ainda acrescentar outros tantos: Catarina Nunes de Almeida, Diogo Vaz Pinto, Diogo Teles Pereira, Golgona Anghel, Hugo Milhanas Machado, Inês Dias, José Miguel Silva, Miguel Martins, Raquel Nobre Guerra, Susana Araújo, Tatiana Faia, Tiago Araújo, Tiago Patrício, etc. A lista não termina aqui e, apesar de incompleta, revela bem a heterogeneidade da produção de poesia portuguesa nesta última década.

Em muito contribui a proliferação de pequenas e médias editoras centradas na edição de poesia, bem como revistas literárias e pequenas livrarias – também elas editoras – especializadas em poesia, como é o caso da Fyodor Books, Letra Livre, Paralelo W, Poesia Incompleta, Poetria ou Trama. Algumas destas editoras não são recentes, como a Ætæc, editora histórica de Vítor Silva Tavares, ou a Averno,

⁴ Esta ausência de unidade, como nota António Carlos Cortez (p. 89) no artigo supracitado, não implica um total afastamento da geração anterior de poetas (“geração de 90”), pois alguns dos novos poetas entram em claro diálogo com estes. É, por exemplo, o caso do autor estudado neste artigo, Miguel-Manso, que, por vezes, evidencia a influência de poetas como Manuel de Freitas. De resto, uma discussão alargada sobre a nova poesia portuguesa não está no escopo deste ensaio, pelo que esta breve introdução serve apenas para contextualizar o surgimento da poesia de Miguel-Manso.

⁵ António Carlos Cortez, “Dez anos de poesia portuguesa: heteroxias, confluências e revisões”, *Revista Diadorim/Revista de Estudos Linguísticos e Literários do Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas da Universidade Federal do Rio de Janeiro*, Volume 11, Julho de 2012, p. 89 (86-106). Disponível em: <http://www.revistadiadorim.letras.ufrj.br/index.php/revistadiadorim/article/view/55/74>., acedido a 28 de Junho de 2014.

de Manuel de Freitas e Inês Dias. Para lá destas duas editoras independentes surgem, com maior ou menor grau de destaque, a Artefacto, as Edições 50kg, Língua Morta, Mariposa Azul, Douda Correria, Tea for One, entre outras⁶; ou ainda as revistas como o caso da *Agio*, *Golpe D'Asa*, *Piolho*, *Telhados de Vidro* ou *Criatura*. De tiragens pequenas (livros ou revistas) estas contribuem para uma afirmação de uma nova forma de estar em que se privilegia o livro como objecto cultural e não apenas como objecto com propósito comercial⁷. Aliás, apesar de dispersas, estas editoras entrecruzam autores e entreajudam-se:

Pela sua natureza dispersiva e proliferante, o cardume das pequenas e médias editoras de poesia não funciona verdadeiramente em rede, apesar de a partilha ser típica desta comunidade de independentes. Se pegarmos nas revistas ou nos livros, vemos que os nomes se cruzam, se repetem; se ouvirmos os editores, percebemos que se entreajudam⁸.

Para lá destes exemplos, também é necessário acrescentar que continuam a proliferar as edições de autor – recorrentes na poesia e em Portugal –, dada a grande facilidade que existe hoje em dia na produção de livros. É o caso do autor estudado neste ensaio, cujos livros, apesar de reeditados por editores de poesia, como é o caso da Mariposa Azul ou da Trama, são primeiramente publicados em edição de autor.

Miguel-Manso, com hífen

Nascido em 1979, em Almeirim, distrito de Santarém, Miguel Manso mudou-se para Lisboa bastante cedo onde tentaria cursar Belas Artes. Não conseguindo entrar neste curso decidiu-se por Design de Comunicação, mas rapidamente percebeu que o seu futuro não passava por ali. Frequentou um curso de

⁶ Longe de elaborar uma extensa lista quer dos escritores, quer das editoras independentes, esta pequena introdução serve como contexto ao surgimento da poesia de Miguel-Manso, também ela marcada por esta realidade de produção independente, à margem dos grandes grupos editoriais. Para um aprofundamento desta matéria sugere-se a leitura do artigo escrito por Maria da Conceição Caleiro, "O cardume da poesia", *Ípsilon*, 11 de Janeiro de 2012. Disponível em: <http://www.publico.pt/temas/jornal/o-cardume—da—poesia-23734851>, acedido a 26 de Junho de 2014.

⁷ Explica Maria da Conceição Caleiro que "Para cada um destes editores, o livro é um objecto sem tempo, ou fora do tempo: uma opção que se reflecte, por exemplo, na demora na escolha do papel (o corpo, a espessura, o toque, a marca de água) e numa política editorial de aposta em livros sem garantias de aceitação no mercado." Maria da Conceição Caleiro, "O cardume da poesia", *Ípsilon*, 11 de Janeiro de 2012. Disponível em: <http://www.publico.pt/temas/jornal/o-cardume—da—poesia-23734851>, acedido a 26 de Junho de 2014.

⁸ Maria da Conceição Caleiro, "O cardume da poesia", *Ípsilon*, 11 de Janeiro de 2012. Disponível em: <http://www.publico.pt/temas/jornal/o-cardume—da—poesia-23734851>, acedido a 26 de Junho de 2014.

desenho na Ar.Co, embora o desejo de desenhar fosse desaparecendo à medida que os objectos ficavam mais pequenos nas grandes folhas. Manteve, durante algum tempo, moradas na blogosfera, como é o caso dos blogues *Baixa-Shiatsu*, *Largo do Karma* ou *Rua Luxuriano*⁹ que representaram a sua presença discreta pela Internet.¹⁰ Foi também nestes endereços que tentou exercitar a escrita do romance, da qual também desistiu. O seu percurso está, desde o princípio, marcado por uma certa “deriva – um dos modelos canónicos da vida literária –”¹¹ e pelo interesse pelas várias artes, desde música ao teatro, esta última em particular, dadas as colaborações com algumas companhias lisboetas. Esta errância, que viria a ser determinante na sua escrita, revela-se, sobretudo, no modo como teve diferentes profissões e viveu de trabalhos vários com duração curta, com a grande vantagem de que estes lhe permitiam escrever:

Alojado numas águas-furtadas, casa cedida pelo avô, Miguel-Manso alinhou trabalhos de ocasião: exercitou a formação (feita para sossegar os pais) de técnico de biblioteca, foi padeiro em Almeirim e vigilante no Museu do Chiado. E há mais: responsável pelo centro de documentação da galeria Zé dos Bois, tarefeiro na Ellipse Foundation, porteiro do Hotel des Artistes da Casa d’Os Dias da Água, arrumador da biblioteca do jornalista e poeta Fernando Assis Pacheco... Tarefas que o deixavam escrever. “Dêem-me um quatinho e uma mesinha e eu escrevo, que é o que quero.”¹²

Apesar de tomar contacto com alguns poetas portugueses – através da biblioteca do pai –, como é o caso de Alexandre O’Neill, Fernando Pessoa ou Rui Knopfli, ainda havia muito para aprender a nível da poesia portuguesa. Um dos momentos mais importantes do seu percurso aconteceria graças a uma das suas profissões, em particular quando tomou conta da biblioteca de Fernando Assis Pacheco, pois num jantar com o filho do escritor, João Assis Pacheco, conheceu João Miguel Fernandes Jorge, poeta que influenciaria a sua escrita e a quem mandaria um exemplar da sua primeira obra com o nome de Miguel-Manso, o hífen uma adopção para o seu nome artístico.

Os poemas do primeiro livro foram escritos entre Lisboa e Paris, cidade onde permaneceu durante um mês, na casa de uns amigos, aproveitando para terminar a obra. Com o dinheiro que sobrou e poupou da viagem – cerca de 350 euros

⁹ Note-se que os nomes dos blogues criados pelo poeta são baseados na topografia Lisboaeta, evidenciando, desde muito cedo, a importância do espaço na sua poesia.

¹⁰ Veja-se, por exemplo, o retrato que José Mário Silva faz do poeta em “O Guerrilheiro”, *Actual*, 23 de Janeiro de 2009. Disponível em: <http://bibliotecariodebabel.com/geral/o-guerrilheiro/>, acedido a 26 de Junho de 2014.

¹¹ Pedro Mexia, “Um Delay”, *Ípsilon*, 28 de Outubro de 2009. Disponível em: <http://www.publico.pt/culturaipsilon/noticia/um-delay-1655683>, acedido a 24 de Junho de 2014.

¹² Sílvia Souto Cunha, “Miguel-Manso – Contra a Corrente”, *Visão*, 1 de Maio de 2011. Disponível em: <http://visao.sapo.pt/miguel-manso-contra-a-corrente=f600963>, acedido a 24 de Junho de 2014.

– resolveu publicar o seu primeiro livro, *Contra a Manhã Burra* (2008), numa tiragem de 200 exemplares. Enviou uma cópia a João Miguel Fernandes Jorge a outra a Manuel de Freitas que, após a leitura, o contactou para lhe dizer que tinha gostado bastante do livro e que iria escrever sobre a obra no jornal *Expresso*. A edição de autor rapidamente esgotou, à qual se seguiu uma segunda e terceira edição, ambas pela editora Mariposa Azul. Sobre livro e autor, Manuel de Freitas escreveu na revista *Actual* que esta era uma “estreia poética e vigorosa”¹³ como não se via nos últimos tempos na poesia portuguesa.

Não foi o único a notar a importância do acontecimento no panorama literário contemporâneo: o crítico literário António Guerreiro considerou o autor uma das grandes revelações do ano; José Mário Silva dedicou-lhe alguns parágrafos na *Actual*, sublinhando o facto de a obra do autor ter vindo “agitar as águas algo paradas da poesia portuguesa”¹⁴ e Pedro Mexia frisou a capacidade inventiva do poeta através de uma linguagem cativante e o modo como alguns dos seus poemas dialogam com outros poetas portugueses importantes, como é o caso de Ruy Belo ou Cesariny¹⁵. A crítica de Pedro Mexia não se limitava apenas a *Contra a Manhã Burra*, mas também ao segundo livro de Miguel-Manso, publicado no mesmo ano e com reedição pela Trama, *Quando Escreve Descalça-se*. Iniciava-se, assim, o percurso de Miguel-Manso como poeta que, até ao momento, conta com nove livros, para além de inúmeras participações em revistas e antologias e a criação de alguns textos para exposições, como é o caso da *Appleton Recess #2* (2011)¹⁶ ou, ainda, produções para teatro. Cinco dos nove livros pertencem ao que o poeta chama de “Carimbos de Gent”: *Contra a Manhã Burra* (2008), *Quando Escreve Descalça-se* (2008), *Santo Súbito* (2010), *Um Lugar a Menos* (2012) e *Ensinar o Caminho ao Diabo* (2012). Os restantes três são *Aqui podia viver gente* (2012), publicado pela Associação Primeiro Passo, *Supremo 16/70* (2013), pela Artefacto e *Tojo* (2013), uma antologia poética editada pela Relógio D’Água e, finalmente, *Persianas*, publicado em 2015 pela Tinta da China. Concentremo-nos, para já, nos primeiros cinco livros.

¹³ Manuel de Freitas, “*Contra a Manhã Burra*”, *Actual*, 12 de Julho de 2008, [s.p.].

¹⁴ José Mário Silva, “O Guerrilheiro”, *Actual*, 23 de Janeiro de 2009. Disponível em: <http://bibliotecariodebabel.com/geral/o-guerrilheiro/>, acedido a 26 de Junho de 2014.

¹⁵ Pedro Mexia, “Um Delay” *Ipsilon*, 28 de Outubro de 2009. Disponível em: <http://www.publico.pt/culturaipsilon/noticia/um-delay-1655683>, acedido a 24 de Junho de 2014.

¹⁶ *Appleton Recess #2* (2011), foi uma exposição colectiva na qual Miguel-Manso participou com Eduardo Batarida e Ana Yokochi. Supõe-se que a produção do autor para esta exposição originou o livro *Um Lugar a Menos* (2012), parte do díptico do qual faz parte *Ensinar o Caminho ao Diabo* (2012). Estes não são caso único, pois *Santo Súbito* (2009), foi escrito a partir de textos que o autor produziu para a companhia de teatro Cão Solteiro.

“Os Carimbos de Gent”

A quantidade de poemas que Miguel-Manso publicou desde a sua estreia literária remonta a mais de 600 páginas e não ficará por aqui, especialmente tendo em conta que o autor ainda não terminou a série “Os Carimbos de Gent”, na qual pretende publicar cerca de nove volumes (já foram publicados cinco). Este conjunto de volumes deriva o seu nome dos carimbos que o autor comprou num antiquário da cidade belga de Gent, custando cinquenta cêntimos cada um, e que usa nas capas dos seus livros, “à maneira dos antigos ex libris [sic]”¹⁷. Estas são edições de autor com um design bastante natural: “volumes simples, brancos, com grafismo sóbrio e paratexto fotográfico.”¹⁸ Porém, para endereçar a singularidade da poesia de Miguel-Manso será necessário percorrer os cinco volumes pertencentes à série “Carimbos de Gent”, procurando analisar alguns dos aspectos mais relevantes da obra do poeta e que cativam o leitor.

De *Contra a Manhã Burra* (2008) muito se escreveu por parte da crítica, que apontou como pontos fortes do volume a linguagem inventiva e a forma como o autor desarmava o leitor, além da importância do tema da viagem. Note-se, por exemplo, o modo como Pedro Mexia descreve a obra:

“Contra a Manhã Burra” tem uma evidente dimensão de viagem e aventura, notas soltas sobre pessoas e lugares. O mundo todo é palco de experiências, e tanto estamos em Almeirim como em Barcelona, na estrada para Góis, em Canterbury ou no lisboeta Jardim da Parada. Este parece um livro manuscrito, quase como se tivéssemos em fac-símile os cadernos de Miguel-Manso; há uma comunicabilidade directa do vivido como é raro encontrar. Isso não significa que os poemas tenham uma legibilidade clássica; pelo contrário, eles são formalmente inventivos e inesperados, o seu desenho na página sempre uma surpresa, têm hiatos e justaposições, numa espécie de imagismo boicotado que deve muito a João Miguel Fernandes Jorge¹⁹

Rita Taborda Duarte alerta exactamente para esta dimensão da viagem na sua recensão ao livro, atentando no modo como *Contra a Manhã Burra* oscila entre a “viagem-diáspora, como memória cultural (dos descobrimentos, até à guerra colonial) e a viagem-deambulação do sujeito.”²⁰. São prova disso poemas como

¹⁷ Fernando Madall, “Poemas com Carimbo”, *Diário de Notícias*, 2 de Janeiro de 2010. Disponível em: http://www.dn.pt/gente/Interior.aspx?content_id=1460065, acedido a 29 de Junho de 2014.

¹⁸ José Mário Silva, “Um espanto oculto”, *Revista Ler*, n.º 113, Maio de 2012. Disponível em: <http://bibliotecariodebabel.com/criticas/um-espanto-oculto/>, acedido a 26 de Junho de 2014.

¹⁹ Pedro Mexia, “Um Delay” *Ípsilon*, 28 de Outubro de 2009. Disponível em: <http://www.publico.pt/culturaipsilon/noticia/um-delay-1655683>, acedido a 24 de Junho de 2014.

²⁰ Rita Taborda Duarte, “Recensão a *Contra a Manhã Burra*”, *Rol de Livros, Leitura Gulbenki@n*, 2011. Disponível em: <http://www.leitura.gulbenkian.pt/index.php?area=rol&task=view&id=30902>, acedido a 25 de Junho de 2014.

"Mareógrafo" – "insisto em espiar o gelo da Antártida"²¹ – "Verão de Canterbury"²² ou "Balada da Rua Damasceno Monteiro"²³. Se dúvidas houvesse em relação a esta temática bastaria ler a pequena introdução que o autor escreveu para a segunda edição de *Contra a Manhã Burra* intitulado "Uma Baleia subindo o Amazonas", onde é possível estabelecer uma leitura que relaciona o texto a Melville e a *Moby Dick*²⁴. Ao mesmo tempo, esta dimensão de viagem e movimento é visível no modo como grande parte do livro parece surgir com um tom diarístico através de pequenos fragmentos de experiências do quotidiano que o sujeito poético vai relatando para o leitor.

Esta viagem é feita por lugares experienciados e também imaginados. Diversas são as referências ao Oriente, por exemplo, no poema "Casamento de Bangkok"²⁵. Por outro lado, o percurso da palavra também é uma viagem sobre o qual o poeta reflecte, uma vez que este livro é uma reflexão sobre a poesia enquanto acto e da escrita como construção. Aliás, a obra está carregada de alusões biográficas e bibliográficas, fazendo com que os poemas, por vezes, atinjam dimensões obscuras de difícil interpretação. Estes elementos são notórios nos poemas mais curtos, quase aforísticos, caracterizados por uma (auto) ironia que reitera, segundo Rita Taborda Duarte, "o efeito de estranheza e resistência na leitura"²⁶.

Quando Escreve Descalça-se, segundo livro de poemas publicado também em 2008, continua grande parte dos temas referidos anteriormente e, em particular, o diálogo que mantém com outros poetas, como é o caso de Sebastião Alba, onde o autor vai buscar o título do livro. Esse reconhecimento é feito no poema "Elevação de Sebastião Alba"²⁷, sendo também explícita a influência de Ruy Belo, numa das partes do livro intitulada "Elevação de Ruy Belo", à qual dedica quatro poemas. Mantêm-se ainda todos os jogos linguísticos, os trocadilhos, as ironias, o humor, e as viagens textuais a variados lugares como Lisboa, Madrid, Veneza, mas também os pequenos espaços que pertencem à ordem da memória

²¹ Miguel-Manso, "Mareógrafo", *Contra a Manhã Burra*, Lisboa: Mariposa Azul, [2008] 2009, p. 16 (15-16), 3.ª edição.

²² *Idem*, p. 18.

²³ *Idem*, p. 90.

²⁴ Curioso notar que José Mário Silva, num post publicado no seu blogue *Bibliotecário de Babel*, publicado a 7 de Janeiro de 2011, intitulado "Separados à Nascimento, chega a comparar a semelhança de Manso a Melville. Disponível em: <http://bibliotecariodebabel.com/geral/separados-a-nascimento/>, acedido a 24 de Junho de 2014.

²⁵ Miguel-Manso, "Casamento de Bangkok", *Contra a Manhã Burra*, Lisboa: Mariposa Azul, [2008] 2009, p. 73, 3.ª edição.

²⁶ Rita Taborda Duarte, "Recensão a *Contra a Manhã Burra*", *Rol de Livros, Leitura Gulbenki@n*, 2011. Disponível em: <http://www.leitura.gulbenkian.pt/index.php?area=rol&task=view&id=30902>, acedido a 25 de Junho de 2014.

²⁷ Miguel-Manso, "Elevação de Sebastião Alba", *Quando Escreve Descalça-se*, Lisboa: Trama, [2008] 2011, p. 71, 3.ª edição.

e da própria vivência do autor: Alfama, Fábrica Braço de Prata, entre outros, em busca de uma certa beleza: “Seja a descrever um café húngaro ou uma aldeia ribatejana, as tainhas de Veneza, uma melodia ouvida no auto-rádio ou o fragmento de um diário inventado, Miguel-Manso procura sempre a beleza que há nas ruínas.”²⁸

Santo Súbito (2010), terceira obra poética de Miguel-Manso, eleva ainda mais a arte irónica dos seus poemas, o modo como estabelece o diálogo com outros autores e a maneira como revela uma certa desconfiança em relação ao lugar que “o poema ocupa no mundo”²⁹, mas também à sua própria condição de poeta. Note-se, por exemplo, a ironia do título da obra – uma alusão ao modo como os fiéis de João Paulo II exigiam a sua santificação³⁰ – remetendo também para algum descrédito pela forma como a crítica rapidamente o elevou enquanto poeta revelação.

O tom irónico é evidente logo no poema de abertura “I. Video Art” – “A poesia, tipo, / não precisa de, bom, / não é exactamente uma canção, uma praça ou um parque no Outono / indícios, unicórnios, um capitel clássico / helenicamente erguido sob a librina e o néon”³¹. Para além disso, o sujeito poético também deixa uma nota de advertência relativamente aos poemas que se encontram no livro, como é o caso de “Os Carimbos de Gent”: “se está a pensar, eventual leitor, acompanhar-me / mesmo que de modo fortuito, neste escusado exercício / saiba que nunca estive tão perdido como agora // duvide de tudo o que lhe parecer correto / não se deixe enganar nem sequer pela imprecisa / citação dos clássicos”³².

Prevalecem as alusões metaliterárias e os diálogos com outros autores, por exemplo, Orlando Pantera, Wim Mertens, Elis Regina e, numa parte intitulada “Regresso à Biblioteca de Francisco Vieira”, Camilo Pessanha, Fernando Pessoa, Wenceslau de Moraes, Joseph Conrad ou Herberto Helder. Alguns dos poemas aproximam-se da prosa – quase em tom de romance – como é o caso de “Na Morte da Avó”, “A Basílica de Notre-Dame du Saint-Cordon”, “O Cristo de Nampula” e, o caso mais óbvio devido à sua extensão, “Qui tal dam’ cabo da minha vida”³³. Este registo em prosa será desenvolvido em *Um Lugar a Menos*, publicado em 2012 em simultâneo com *Ensinar o Caminho ao Diabo*.

²⁸ José Mário Silva, “Um palco para gestos simples”, *Ler* n.º 79, Abril de 2009. Disponível em: <http://bibliotecariodebabel.com/criticas/um-palco-para-gestos-simples/>, acedido a 26 de Junho de 2014.

²⁹ *Idem*.

³⁰ António Guerreiro, “*Santo Súbito*”, *Expresso – Actual*, 16 de Abril de 2010. A expressão também é explicitada num dos poemas de *Santo Súbito* intitulado “Qui tal dam’ cabo da minha vida” (p. 119-123).

³¹ Miguel-Manso, “I. Video Art”, *Santo Súbito*, Lisboa: Edição de Autor, 2010, p. 13, 2.ª edição.

³² *Idem*, p. 105.

³³ *Idem*, p. 65, p. 68, p. 78, p. 119-123.

Até ao momento, estas são as duas obras mais recentes da série “Os Carimbos de Gent” e funcionam como um díptico: *Um Lugar a Menos* com poemas em prosa, e *Ensinar o Caminho ao Diabo* em verso. Não se sabe ao certo qual dos dois é o primeiro nesta dupla obra, ou melhor, qual é o quarto e o quinto livro na série. Como nota Gonçalo Mira³⁴, a semelhança dos livros, quer em termos estéticos, quer em termos de edição, torna-as de difícil distinção e é nesse esbater de fronteiras que reside também um certo jogo do autor em criar perplexidade no leitor.

Para a crítica especializada, *Ensinar o Caminho ao Diabo* é um livro menos conseguido. Porém, também é aquele que mais se aproxima do universo poético do autor, no sentido em que os temas habituais estão presentes: inúmeras referências geográficas e localizações reais ou imaginadas (países, cidades nacionais ou estrangeiras, aldeias, ruas) como é o caso de “Lamento Londrino”, “Piazza San Marco – Acqua Alta” ou “A Catedral de Santarém”³⁵, conferindo um dimensão de deriva ao poeta, aproximando-o à figura do *flâneur*, como nota José Mário Silva:

Menos hermético, *Ensinar o Caminho ao Diabo* é o livro de um poeta nocturno e invernal, um *flâneur* que “caminha de um lugar que não sabe / a um lugar que não pode”, saltando de cidade em cidade (Lisboa, São Paulo, Londres, Évora, Veneza), rabiscando versos e suas cicatrizes (“o caderno é a máquina fotográfica”), em busca do “espanto oculto” do poema, esse amontoado de palavras em deslocação que “é a coisa mais triste que há”. Coisa triste mas necessária, capaz de dizer tudo com quase nada³⁶.

Por sua vez, *Um Lugar a Menos* – trocadilho com o *locus amoenus*, tópico da literatura clássica – parece distanciar-se do registo anterior com textos muito próximos do aforismo, a lembrar Gonçalo M. Tavares, e do contar o quotidiano, questionando-o, mas também questionando o lugar do poeta, o lugar do real e o lugar da escrita.

Esta indagação por parte do poeta coloca-o numa busca permanente – no modo como dialoga com outros poetas, músicos e artistas (a referência a Whitman é importante, mas também Tom Waits, por exemplo) – e auto-reflexiva quando

³⁴ Gonçalo Mira, “*Ensinar o Caminho ao Diabo* e *Um Lugar a Menos*, de Miguel-Manso”, *Ípsilon*, de 2 de Maio 2012. Disponível em: <http://www.publico.pt/roteiros/jornal/livros-24449842>, acedido a 29 de Junho de 2014.

³⁵ Miguel-Manso, “Lamento Londrino”; “Piazza San Marco – Acqua Alta”, “A Catedral de Santarém”, *Ensinar o Caminho ao Diabo*, Lisboa: Edição de Autor, 2012, p. 16, p. 30 e p. 52. Note-se que grande parte destas viagens e espaços imaginados ou reais que o poeta descreve não são fruto de pesquisas efectuadas no Google ou de descrições feitas na Wikipedia. É um bom exemplo o poema “Situação e aspecto da praça Djemaâ El-Fna & outras variações”, entre outros.

³⁶ José Mário Silva, “Um espanto oculto”, *Ler*, n.º 113, Maio de 2012. (Disponível em: <http://bibliotecariodebabel.com/criticas/um-espanto-oculto/>, acedido a 26 de Junho de 2014.

“Um Lugar a Menos” se torna, em vez de ausência, uma presença que é necessário preencher para evitar o vazio: “Nada, tudo, outra vez nada.”³⁷. Aliás, o vazio está sempre presente nas páginas em branco representadas pelas catorze presenças que são retiradas dos 53 poemas em prosa que compõem o livro.

Não obstante algum distanciamento entre as duas obras, elas complementam-se, no sentido em que existem alguns pontos em que os temas explorados se cruzam: os lugares, os espaços, as referências biográficas e bibliográficas, o espaço da infância, o espaço da literatura e o registo da experiência (o caminho e o lugar).

muito mal contado, isso da morte: algumas considerações finais

Para além dos livros publicados com os carimbos na capa, Miguel-Manso tem ainda mais quatro obras: *Aqui podia viver gente* (2012), publicado pela Associação Primeiro Passo, *Supremo 16/70* (2013), pela Artefacto e *Tojo* (2013), editado pela Relógio D'Água e, como referido anteriormente, *Persianas* (2015) pela Tinta da China. Estas apresentam também algumas das características que enunciámos anteriormente, em particular o livro publicado pela Artefacto, onde os poemas reflectem sobre a infância e a memória. Já *Tojo* confirma decididamente a relevância do poeta na literatura portuguesa contemporânea, uma vez que é uma antologia do autor publicada por uma editora maior no universo da poesia em Portugal.

Finalmente, *Persianas*, editado pela Tinta da China numa colecção de poesia coordenada por Pedro Mexia, sublinha a importância de Miguel-Manso enquanto poeta contemporâneo. O livro destaca-se não só pela forma como a crítica o recebeu, mas também pela sua dimensão, pouco comum nas obras de poesia. *Persianas* tem 208 páginas e, apesar de explorar alguns dos temas habituais da poesia do autor, este afigura-se, eventualmente, como um ponto de viragem, dado apontar para outros temas.

Esta “legitimação” do autor também se confirma pelas inúmeras revistas onde tem publicado os seus poemas, bem como antologias de poesia que coligem o melhor de cada ano, como é o caso de *Resumo – a poesia em 2012* (Documenta/Fnac, 2013) ou *Resumo – a poesia em 2013* (Documenta/Fnac, 2014), poemas escolhidos por José Alberto Oliveira, José Tolentino de Mendonça, Luis Miguel Queirós e Manuel de Freitas. Este percurso literário consolida-se com os vários convites e residências literárias e artísticas ou, ainda, a atenção da

³⁷ Miguel-Manso, “O livro é uma cegueira veloz”, *Um Lugar a Menos*, Lisboa: Edição de Autor, 2012, p. 13.

academia, como é o caso do presente estudo.

Longe de querer circunscrever o poeta, foram apresentadas várias características da poesia de Miguel-Manso. Tentar defini-lo é uma tarefa difícil, dada a quantidade de temas e áreas que explora. Contudo, a ser necessário um pequeno resumo reporto-me às palavras de José Mário Silva que tão bem concentrou alguns dos pontos mais fortes da poesia deste autor notando “1) o diálogo frutuoso com outros autores [...] 2) a desconcertante arquitectura dos poemas e a sua respiração [...] 3) uma irónica desconfiança quanto ao lugar que a poesia ocupa na incerta ordem das coisas”.³⁸

Paralelamente, será importante sublinhar a sua relação com a “experiência da linguagem”³⁹ – um certo confessionalismo inscrito num registo linguístico fresco – mas também a experiência do espaço em que esta se desloca de modo real ou ficcional e sobre o qual reflecte, por vezes, com ironia e humor. Esta permite-lhe uma “soberana contenção”⁴⁰ perante a dor, como acontece em “Na Morte da Avó”, do qual apenas reproduzo parte:

como se aceitasse, com constrangedora submissão, que
o tempo não se detenha nunca, que os anos nos empurrem
para um buraco na terra, nos sujeitem a tão bruta descortesia

a prontidão da morte, a ligeireza do tempo, a estupidez
da vida que nunca vai encontrar cura e razão para ela própria
contra tudo isso eu alardeio o poema, antecipo a derrota⁴¹

Essa antecipação da derrota é também a forma que o poeta encontrou de in-correr em “certos delicados actos de guerrilha”⁴², elevando-se através da palavra, servindo-se dela para lutar contra a nossa própria finitude.

³⁸ José Mário Silva, “Um palco para gestos simples”, *Ler* n.º 79, Abril de 2009. Disponível em: <http://bibliotecariodebabel.com/criticas/um-palco-para-gestos-simples/>, acedido a 26 de Junho de 2014.

³⁹ António Carlos Cortez, “Dez anos de poesia portuguesa: heteroxias, confluências e revisões”, *Revista Diadorim/Revista de Estudos Linguísticos e Literários do Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas da Universidade Federal do Rio de Janeiro*, Volume 11, Julho 2012, p. 95 (86-106). Disponível em: <http://www.revistadiadorim.letras.ufrj.br/index.php/revistadiadorim/article/view/55/74>, acedido a 28 de Junho de 2014.

⁴⁰ António Guerreiro, “*Santo Súbito*”, *Actual*, 16 de Abril de 2010.

⁴¹ Miguel-Manso, “Na Morte da Avó”, *Santo Súbito*, Lisboa: Edição de Autor, 2010, p. 65-66, 2.ª edição.

⁴² Miguel-Manso, “O PREC em 2008”, *Quando Escreve Descalça-se*, Lisboa: Trama, [2008] 2011, p. 68, 3.ª edição.